

INJÚRIAS E A GRAMÁTICA DA APROPRIAÇÃO

INJURIES AND THE GRAMMAR OF APPROPRIATION

Daniel Carvalho (UFBA)¹

Resumo: O presente artigo discute os mecanismos linguísticos que possibilitam a apropriação de injúrias de grupo por membros das comunidades historicamente alvos dessas formas de violência verbal. Partindo do entendimento de Anderson (2018) sobre a apropriação linguística, entendo que ela não decorre apenas de uma mudança de significado, mas de restrições gramaticais e pragmáticas que regulam a interpretação de expressões injuriosas em diferentes contextos de uso. Em particular, assumo que a legitimidade da apropriação está associada à participação dos falantes em grupos nos quais determinadas formas linguísticas circulam como recursos de identificação, solidariedade e resistência. A análise concentra-se em exemplos do português brasileiro envolvendo insultos dirigidos à população LGBTQIAPN+, examinando como fatores relacionados à identidade dos interlocutores, ao endereçamento e ao contexto interacional afetam a possibilidade de uso apropriado. Os resultados mostram que a apropriação constitui um fenômeno simultaneamente linguístico e social, dependente de relações de pertencimento e reconhecimento coletivo. Com base nesses resultados, propomos o conceito de gramática da apropriação, entendido como o conjunto de condições sintáticas, semânticas, pragmáticas e sociais que regulam a circulação e a ressignificação de injúrias de grupo.

Palavras-chave: injúrias, LGBTQIAPN+, apropriação, interface sintaxe-semântica.

Abstract: This article examines the linguistic mechanisms that enable the appropriation of group slurs by members of the communities historically targeted by these forms of verbal aggression. Drawing on Anderson's (2018) account of linguistic appropriation, we argue that appropriation cannot be reduced to a mere shift in lexical meaning. Rather, it is constrained by grammatical and pragmatic conditions that regulate the interpretation of slurs across different contexts of use. In particular, I argue that the legitimacy of appropriation is tied to speakers' participation in groups in which specific linguistic forms circulate as resources for identity construction, solidarity, and resistance. The analysis focuses on examples from Brazilian Portuguese involving slurs directed at LGBTQIAPN+ individuals, examining how factors such as speaker identity, addressee relations, and interactional context shape the possibility and interpretation of appropriated uses. The findings suggest that appropriation is both a linguistic and a social phenomenon, emerging from relations of group membership and collective recognition. Based on these findings, we propose the concept of a grammar of appropriation, defined as the set of syntactic, semantic, pragmatic, and social conditions that govern the circulation and re-signification of group slurs.

Keywords: slurs, LGBTQIAPN+, appropriation, syntax-semantic interface.

Introdução

O debate sobre injúrias na filosofia da linguagem e na linguística não é pacífico acerca das expressões que constituem o grupo das injúrias. Há, no entanto, concordância sobre um paradigma

¹ Professor Titular de Linguística da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, desenvolve pesquisas sobre gramática, gênero e sexualidade. E-mail: danielcarvalho@ufba.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9776-6963>.

das injúrias: aquelas expressões pejorativas direcionadas a grupos identificados por raça, religião, gênero e orientação sexual, por exemplo. Diaz-Legaspe (2020) apresenta uma taxonomia para expressões ofensivas, reproduzida no Quadro 1, na qual identifica diversos grupos insultivos, dentre os quais podemos encontrar as injúrias.

Quadro 1 – Taxonomia das expressões linguísticas ofensivas

A. Expressões que apenas ofendem, mas não são ofensivas.			
B. Expressões que podem ser consideradas ofensivas:	a. Expressões que às vezes podem ofender, no contexto adequado, mas não por causa de seu significado.	i. Pejorativos que nomeiam uma propriedade cuja posse é socialmente condenada ou mal considerada.	
	b. Expressões que são sempre ofensivas por causa do significado permanente do tipo ('palavras pejorativas')	ii. Palavras que são ofensivas em si:	1. Pejorativos raciais, étnicos e de nacionalidade;
			2. Pejorativos baseados em gênero e orientação sexual;
			3. Pejorativos de deficiência física ou mental;
			4. Pejorativos profissionais;
			5. Pejorativos políticos, culturais ou relacionados ao esporte.

Fonte: Adaptado de Dias-Legaspe (2020, p. 1401-1402)

Segundo essa classificação, injúrias estariam contidas em (B.b.ii). Dentre as expressões indicadas em (B.b.ii), o conjunto de injúrias consideradas de grupo é definido como em (1):

- (1) Conjunto de injúrias idêntico ao conjunto de pejorativos de grupo que se aplicam a membros de um grupo neutro objetivamente identificável e registrados como [+difamatório].

Assim, expressões pejorativas presentes na taxonomia do Quadro 1 podem ser classificadas não como injúrias, mas como insultos (que não representam um grupo identificável por categorias socialmente neutras). Apenas aquelas com conteúdo expressivo relacionável com um grupo pressupostamente neutro (que pode ser identificado sem valor pejorativo) e que apresenta um traço difamatório pode ser identificado como injúria.

A literatura linguística e da filosofia da linguagem vêm se dedicando nos últimos tempos aos estudos das injúrias partindo de suas características semânticas e pragmáticas, observando-se de que forma seu conteúdo é codificado e expresso. Essa tendência pode ser ilustrada com os recentes estudos sobre apropriação lexical. Expressões como *queer* do inglês podem apresentar variabilidade (ou mudança) de seu sentido a depender de quem faz uso. Potts (2007), por exemplo, afirma que o uso dessa expressão por ativistas dos direitos LGBTQIAPN+² possui sentido e conteúdo expressivo diferentes (positivos) daqueles produzidos quando usados em um *talk show* conservador (negativos). Essa ambiguidade, segundo Jeshion (2013), é devida à *apropriação*, isto é, ao uso positivo dessas expressões pelos grupos alvos das injúrias.

Ritchie (2017) entende que, ao tempo que propor ambiguidade como caminho para compreender os deslizos de significado das injúrias é um movimento natural, seus defensores

² LGBTQIAPN+ é um acrônimo que reúne diferentes orientações sexuais, identidades de gênero e experiências corporais dissidentes da cisheteronormatividade, incluindo lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não binárias e outras identidades contempladas pelo símbolo “+”.

precisam explicar o porquê de, nos casos de apropriação, pelo menos um dos significados que a expressão de injúria passa a ter só pode ser expresso quando usado por membros do grupo-alvo, pois, por exemplo, nem todos os falantes do português brasileiro podem usar os termos *puta* ou *bicha* significando algo positivo ou amigável. Segundo Anderson (2018), uma elucidação da variabilidade das injúrias a partir da visão da ambiguidade deve vir acompanhada de uma explicação de cunho mais formal, nas palavras do autor, “que detalhe algum tipo de estrutura semelhante a uma regra que governe o acesso ao sentido apropriado” (Anderson, 2018, p. 10). Essa será a tarefa que pretendo desempenhar no presente trabalho. Procurarei demonstrar que essa “regra” pode ser pensada a partir da gramática dessas expressões, a qual passo a chamar de *gramática da apropriação*. Partirei da ideia de que a ambiguidade de sentido das injúrias de grupo se dá por meio da indexicalização do referente, o que leva em conta o tempo-espço no qual se inserem falante/destinatário no ato de fala. Executarei essa tarefa a partir da observação das injúrias de grupo das comunidades LGBTQIAPN+.

Expressões do tipo-bicha³ são típica e historicamente usadas como injúrias de grupo contra a população LGBTQIAPN+, mas, em alguns contextos, são utilizadas de forma positiva e identitária, resultado de um processo de apropriação por comunidades constituintes dessa população. Na população LGBTQIAPN+, essas expressões são usadas de forma afetiva e identitária, até mesmo funcionando como expressões que indicam os participantes do discurso, como pronomes.

Essa apropriação linguística pode ser vista a partir de um efeito pragmático, que Silverstein (2003, p. 194) aponta como “efeito indexical criativo”, que é a “realização motivada de um já existente quadro situado de valores semióticos”⁵. Gramaticalmente⁶, podemos encaixar a apropriação das expressões do tipo-bicha (e as que se referem a outros grupos, como os étnico-raciais)⁷ no que Kuno (1987) chamou de *empatia*, isto é, a identificação do falante, que pode variar em grau, com a pessoa ou coisa que faz parte de um evento ou estado que é descrito em uma sentença. Desta forma, a autorização em compartilhar essas formas de tratamento se dá uma vez que os interlocutores compartilham o mesmo ponto de vista sobre o uso de tais expressões e, assim, concordam, tacitamente ou não, em pertencer ao mesmo universo que essas expressões denotam.

A apropriação depende da existência de normas coletivamente reconhecidas que autorizam certos participantes a utilizar insultos como formas legítimas de tratamento, autoidentificação ou solidariedade. Sem esse enquadramento social compartilhado, as mesmas expressões tendem a preservar seu valor depreciativo original.

É importante destacar que esse pertencimento não deve ser entendido como mera filiação a uma categoria identitária abstrata. A apropriação de insultos não decorre simplesmente da pertença a uma categoria identitária ampla, como LGBTQIAPN+, mas da participação em comunidades cujos membros compartilham normas avaliativas, repertórios linguísticos e expectativas pragmáticas acerca do uso dessas expressões.

Assim, a interpretação não pejorativa de formas como *bicha*, *viado* e *trava* depende do reconhecimento mútuo entre participantes que compartilham uma história de uso dessas formas e reconhecem seu valor afiliativo. Como afirma Anderson (2018), portanto, apropriação deve ser

³ Por questão de economia, referir-me-ei às expressões depreciativas da comunidade LGBTQIAPN+ como do tipo-bicha.

⁵ Do original: “the motivated realization, or performable execution, of an already constituted framework of semiotic value.”

⁶ Como será percebido ao longo do texto, assumo a uma visão de gramática (e de língua) que perceba que seus fatos sociais e formais são comunicáveis.

⁷ Carvalho (2017) aponta haver um limite no processo de *bleaching* semântico de algumas expressões referentes a grupos étnico-raciais no português brasileiro devido a fatores sócio-históricos, como com a expressão *nego*, que, apesar de funcionar como um pronome indefinido, ainda carrega uma carga semântica negativa na maioria dos contextos de uso. No entanto, o trabalho desenvolvido não levou em conta o fenômeno da apropriação.

entendida como um fenômeno situado, cuja ocorrência pressupõe a existência de práticas sociais compartilhadas que autorizam leituras distintas daquelas convencionalmente associadas ao insulto. Logo, defendo que a apropriação de injúrias de grupo não é licenciada apenas pela pertença categorial a um grupo social, mas pela participação em comunidades constituintes desses grupos alvo nas quais usos específicos dessas formas linguísticas emergem e se estabilizam como recursos de solidariedade, reconhecimento e resistência. Nessas comunidades, os falantes adquirem acesso a atos de fala que permanecem indisponíveis para indivíduos externos, mesmo quando estes utilizam as mesmas expressões linguísticas. Assim, o licenciamento do uso apropriado de expressões do tipo-bicha não depende apenas da identidade sexual dos interlocutores, mas também de sua participação em práticas sociais que atribuem a essas formas valores de solidariedade, intimidade e afiliação grupal.

Assumirei, para a presente discussão, que a apropriação de determinada expressão pejorativa se dá a partir de uma certa *dinâmica ilocucionária* (Austin, 1962). Em algumas dessas comunidades de fala, vários atos ilocucionários envolvendo expressões do tipo-bicha emergiram. Em algumas dessas comunidades, desenvolveu-se um uso afetuosos e identitário dessas expressões. Talvez nessas comunidades particulares a necessidade de combater as pressões da opressão social se desenvolveu ao longo dessas linhas, ou seja, apropriando uma ferramenta verbal de assinatura de abuso como um mecanismo para expressar solidariedade ou inclusividade. E como seu uso tinha essa função, era importante vincular o uso adequado da expressão ao fato de ter um determinado estatuto de pertencimento à comunidade. Essa dinâmica é assumida, por exemplo, para explicar o uso das palavras-*n* por comunidades afro-americanas como ato de apropriação (Anderson, 2018). No entanto, esse mecanismo também é autorizado gramaticalmente, uma vez que os membros de uma dada população alvo reconhecem seu valor referencial.

Entretanto, a reapropriação não constitui um processo homogêneo nem consensual. Mesmo entre falantes LGBTQIAPN+, há divergências significativas quanto à aceitabilidade de determinadas formas. Carvalho e Almeida (2017, p. 92), por exemplo, registram o seguinte depoimento:

- (2) [...] eu não ligo se alguém chegar pra mim e chamar de bê, de binho, de binha tal, mas viado eu acho um palavrado muito ofensivo, né, é como... É como chegar pro negro e chamar de passo preto, como chamar o negro de... comê de... urubu coisa do tipo.

O excerto evidencia, como já mencionado, que a simples pertença ao grupo social alvo da injúria não garante a aceitação de sua apropriação. Embora alguns membros da população LGBTQIAPN+ empreguem *viado* como marcador de solidariedade, intimidade ou humor, outros continuam associando a expressão à violência simbólica historicamente dirigida a homens gays. Nesse caso, o participante rejeita explicitamente a narrativa de empoderamento associada ao termo e o compara a insultos raciais reconhecidamente ofensivos. A comparação sugere que, para esse falante, a carga pejorativa da expressão permanece ativa, independentemente das tentativas de ressignificação promovidas por outros membros da comunidade. O exemplo demonstra que a apropriação não elimina a memória social da injúria nem produz consenso interpretativo entre todos os integrantes do grupo afetado.

Segundo Ritchie, apropriação é um processo social e político em pelo menos quatro modos: (i) enfatiza e constrói identidades de grupo, (ii) promove solidariedade, (iii) age na remediação do desequilíbrio de poder, e (iv) promove a retomada das ferramentas do opressor. A esses vieses sociopolíticos, a apropriação promove redimensionamento semântico das expressões depreciativas, na medida em que ganha um caráter indexical em determinados usos. Essa promoção de uma expressão pejorativa a uma expressão apropriada indexical representa uma alteração em seu valor expressivo.

A partir do que foi delineado até aqui, este trabalho tem como principal objetivo mostrar o processo de deslocamento referencial dessas expressões do tipo-bicha em português brasileiro (doravante PB). Assumirei que esse deslocamento se deve a dois fatores. Um fator pragmático, gerado a partir da apropriação dessas expressões por membros da população LGBTQIAPN+, que geram distintas ordens indexicais (Silverstein, 2003; Eckert, 2000; Bucholtz, 2009). Conforme Silverstein (2003), formas linguísticas acumulam significados sociais por meio de processos sucessivos de indexicalização. Para certos membros da população LGBTQIAPN+, expressões historicamente associadas à injúria passam a indexar também pertencimento, solidariedade, intimidade e resistência. A apropriação pode, portanto, ser entendida como uma mudança nas ordens indexicais associadas a essas formas, permitindo que expressem valores distintos daqueles convencionalmente vinculados à estigmatização.

Também um fator sintático-semântico, visto que a possibilidade de reinterpretação como pronome pessoal é devida ao seu caráter de expressão impostora (Collins; Postal, 2012). A sintaxe dessas expressões é pensada a partir da ideia de que os nominais em uma dada língua estabelecem uma relação pragmática com o universo discursivo, a qual estabelece uma conexão entre o referente discursivo e a situação do ato de fala. Como consequência, certas expressões referenciais passam a ser indexicais sensíveis à posição social (Ritchie, 2017). Assim, para além de assumir que apropriação seja um processo social e político de determinada população alvo, como defendem Ritchie (2017) e Anderson (2018), assumo também que seja um processo sintático-semântico, pois seu mecanismo de indexicalização é sensível a certas operações gramaticais.

1 Pronominais e injúrias

Os falantes de uma língua utilizam diversas estratégias para designar os participantes do discurso na enunciação. As mais comuns em boa parte das línguas naturais são as expressões pronominais e, mais especificamente, os denominados *pronomes pessoais*. Numa língua como o PB, o falante frequentemente lança mão dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas para referenciar os interlocutores diretos (falante e ouvinte – *eu, tu, você* no singular; *nós, a gente, vocês* no plural) e os pronomes de terceira pessoa para referenciar entes fora da interlocução direta (pronomes de terceira pessoa – *ele, ela* no singular; *eles, elas* no plural). No entanto, essa língua permite a utilização assimétrica dessas formas pronominais para referência arbitrária, como em (3) e (4)¹³. Ainda, o mesmo falante pode referir a si através de expressões referenciais que, por definição, não participam do discurso, como em (5).

- (3) *Eu* começo a fumar um cigarro hoje, amanhã *eu* experimento x.

(Contexto: um agente de controle de drogas entorpecentes sendo entrevistado por um apresentador de TV)

- (4) *Você/a gente/alguém* começa a fumar um cigarro hoje, amanhã *você/a gente/alguém* experimenta x.

- (5) [Esse professor]_{1sg} merece férias urgentemente.

(Contexto: um professor de Linguística dirigindo-se a sua turma e reclamando de excesso de trabalho)

Enquanto a leitura genérica dos pronomes de primeira pessoa do singular parece ser um fenômeno mais restrito interlinguisticamente, a impessoalização dos pronomes de segunda pessoa é apontada como recorrente entre as línguas, como afirmam Siewierska (2004) e Gruber (2013)¹⁴. No fenômeno ilustrado em (5), expressões referenciais são utilizadas para denotar o falante e/ou

¹³ Exemplos extraídos de Carvalho (2008).

¹⁴ Uma análise unificada da leitura genérica de pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa é proposta em Carvalho (2024).

o ouvinte. Essas expressões, cuja pessoalização é feita a partir de indexicalização, são chamadas por Collins e Postal (2012) de *impostores*.

Tal fenômeno é atestado em diversas línguas (cf. Dudley, 2011; Collins; Ordóñez, 2021; para o espanhol; Das, 2014, para o bengali; Kalulli, 2014, para o albanês; Servidio, 2014, para o italiano; Wang, 2014, para o chinês; Wood; Sigurðsson, 2014, para o islandês; Taylor, 2009, Carvalho; Brito, 2017, Carvalho; Brito; Sedrins, 2018, para o PB). No exemplo em (6), do inglês e extraído de Siewierska (2004, p. 1), *Mommy* e *Johnny*, representam respectivamente 1ª e 2ª pessoas em um contexto em que uma mãe está se dirigindo diretamente a seu filho.

- (6) Mommy will spank Johnny
mamãe FUT bater Johnny
“Eu vou bater em você.”

Collins e Postal (2012) apontam uma série de expressões em algumas línguas que ilustram o conjunto de expressões que formaria uma classe mais ou menos universal, chamadas *impostores*: pronomes de tratamento (*Vossa Majestade, Madame, Senhor*), expressões de subscrição (*your truly*), expressões de parentesco ao dirigir-se a crianças (*mamãe, papai, vovó, titia*), profissões (geralmente antecidas por pronomes demonstrativos: *este repórter, esse professor*), dentre outros.

No PB, Taylor (2009) assume que *a gente* é um exemplo de impostor por seu comportamento ora como expressão referencial, ora como pronome de primeira pessoa do plural. Já Carvalho e Brito (2017) tratam o fenômeno de forma mais ampla, apresentando conjuntos de expressões que funcionam como impostores nessa língua e apresentam uma análise que leva em conta a composição sintática dos traços constituintes dessas expressões na derivação. Neste trabalho, os autores apontam uma série de possibilidades de expressões referenciais como impostores no português brasileiro, ilustradas abaixo:

Quadro 2 – Formas impostoras de 1ª e 2ª pessoas no português brasileiro

1ª pessoa	esse cara, este repórter, o professor, o presente autor, a bicha (e suas variações), a corte, nomes próprios, termos de parentesco (Papai, Mamãe, Titia, Vovó e suas variações), termos de parentesco + nome próprio, a de cá (expressão típica do estado da Bahia), expressão depreciativa + aqui: o anta aqui, o imbecil aqui, o gênio aqui etc.
2ª pessoa	pronomes de tratamento (Senhor/Senhora/Vossa Excelência etc.), o anta, o imbecil, o gênio etc., saporra (expressão típica do estado da Bahia), nomes comuns denotando alguma hierarquia (o general, a diretora, a chefe), meu senhor/minha senhora, expressões denotando carinho antecidas por meu/minha (minha linda, meu amor), nomes próprios, termos de parentesco, principalmente no diminutivo, termos de parentesco + nome próprio etc.

Fonte: Adaptado de Carvalho e Brito (2017)

No Quadro 2, é possível observar uma série de expressões referenciais comuns à 1ª e à 2ª pessoas na língua, tais como nomes próprios, termos de parentesco e expressões depreciativas ou injúrias. No entanto, essa última categoria apresenta uma diferenciação na participação como impostores pronominais na distribuição das pessoas do discurso, a saber: seu emprego pede, na maioria dos casos, uma expressão locativa, sendo a mais comum o advérbio demonstrativo *aqui*, para denotar a primeira pessoa, como ilustrado em (7), e demonstrativos para denotar a segunda pessoa, como em (8). Essa informação será crucial para o entendimento de nossa análise, feita mais adiante.

- (7) [O imbecil aqui]_{1sg} não prestou atenção nas instruções e se deu mal.
(8) [Saporra = Essa porra]_{2sg} já comeu?

Apesar de haver restrições sintáticas para sua interpretação, segundo a proposta de Collins e Postal (2012) aqui adotada, assumirei que há condições de uso dos impostores para denotação de

participação no discurso. Aparentemente, *mummy*, em (6), *o imbecil aqui*, em (7), e *saporra*, em (8), denotam 1ª e 2ª pessoas dentro de um contexto de comunicação entre mãe e filho (exemplo (5)), de autocritica (exemplo (7)), ou de injúria (exemplo (8)). Como apontam Carvalho e Brito (2017, p. 56),

[a] utilização por um falante da expressão *mummy* como tentativa de denotar 1ª pessoa em um diálogo que não represente uma conversa entre uma mãe e um filho causará estranheza no interlocutor, assim como o tratamento de *Vossa Alteza* em uma situação em que não haja um membro da família real presente. Portanto, impostores denotam participantes do discurso de grupos de falantes.

Assim, esses impostores estão ligados ao próprio perfil de seus membros. Em outras palavras, o emprego de expressões pronominais impostoras depende diretamente do contexto no qual será empregado e de como a identidade entre essa expressão e seu referente pode ser feita pelos interlocutores. Em boa parte dos casos, a referência contextual é capturada dentro de pequenos turnos conversacionais, seja por ter sido diretamente ou indiretamente mencionado (no caso de *O professor* no exemplo (5)) ou pelo contexto mais amplo de realização conversacional, como o uso de certas formas de tratamento em um contexto jurídico. Em outros casos, seu emprego exige um encaixamento contextual mais específico. Esse é o caso das expressões utilizadas no vernáculo para referir, de forma depreciativa na maioria das vezes, membros da comunidade LGBTQIAPN+: *bicha* e seus correlatos (*viado*, *boiola*, *passiva*) para referir homens gays; *sapatão* e seus correlatos (*caminhoneira*, *sapa*, *gobi*, *fancha*, *macho*) para referir mulheres lésbicas; *trava* e seus correlatos (*traveco*, *boneca*) para referir mulheres transgênero e travestis.

Essas expressões referenciais são frequentemente associadas à pejorização dos membros da comunidade LGBTQIAPN+. Expressões correlatas são encontradas em diversas comunidades de fala das mais diversas línguas. No Brasil, sua utilização geralmente confere um caráter depreciativo ao referente, o que Orlando e Saab (2021, p. 3-4) definem como injúrias de grupo¹⁵, pois essas expressões codificam tanto um significado na dimensão veritativo-condicional, como apresentam uma dimensão significativa delineada como uma implicatura convencional.

Dessa forma, procuro oferecer uma análise na qual este tipo de expressão, em um processo de recuperação, pode sofrer um tipo de “personalização” quando produzida por falantes membros da população LGBTQIAPN+, i.e., podem ser usadas como participantes do discurso, atuando em um contínuo desde uma expressão predicativa, como em (9), passando por pronome indefinido referente a um grupo, como em (10), como a primeira e a segunda pessoas do singular, como em (11) e em (12), (13) e (14), respectivamente.

- (9) [dito por um homem gay] Essa aí é bicha!
“Aquela pessoa é bicha”
- (10) [dito por um homem gay] Bicha é valente.
“Todo homem gay é valente”
- (11) A bicha_{1sg} foi ver o boy mas ele era uó.
“Eu (enfático) fui ver o rapaz mas ele era péssimo”
- (12) A bicha_{2sg} tá fazendo o quê tão quietinha?
“Você está fazendo o quê tão quietinho?”
- (13) Eu vim só ver a bicha_{2sg} e ela_{2sg} me trata assim.¹⁶
“Eu vim só ver você e você me trata assim”

¹⁵ Não entrarei nas minúcias da análise dos autores sobre as dimensões semântica das injúrias de grupo.

¹⁶ O dado em (13) mostra que até mesmo os próprios pronomes pessoais (*ela* no exemplo) funcionam indexicalmente no PB. Essa associação entre pronomes anafóricos de terceira pessoa com expressões de segunda pessoa é encontrada no português com pronomes de tratamento.

- (14) A bicha_{2sg} sabe com quem tá falando?
“Você sabe com quem está falando?”

No exemplo em (10), bicha pode ser entendida como um nome nu com leitura genérica, mas também pode ter a interpretação pronominal denotando um certo grupo social. Nos demais exemplos, bicha tem como referentes a primeira e a segunda pessoas, ou seja, o falante e o ouvinte. Esta indexicalização permite que a bicha, nas sentenças acima, funcione como o que Collins e Postal (2012) chamam de *impostores*, instâncias referenciais da categoria de terceira pessoa, mas com significado pronominal (pessoal, em certos casos).

A referência pronominal de expressões do tipo-bicha, no entanto, obedece a certas condições de uso. Ela só é permitida, por exemplo, na interação entre dois ou mais membros de comunidades LGBTQIAPN+ que assumam valor positivo para a expressão¹⁷, ou seja, que tenham se apropriado dela.

Este fenômeno é bastante produtivo na comunidade LGBTQIAPN+, como observado no *corpus* construído pelo projeto “A Língua na Diversidade: um estudo sociolinguístico de gays soteropolitanos” (Carvalho, 2016). É possível observar, a partir dos dados coletados, o uso de expressões do tipo-bicha nas mais diferentes funções sintáticas (como a de sujeito e complemento, como nos exemplos (9-14) acima) atuando como reais pronomes pessoais.

2 A gramática dos impostores

De acordo com Collins e Postal (2012), um impostor é uma expressão nominal que possui referência de pessoa nocionalmente X e gramaticalmente Y, em que $X \neq Y$. Muitas das expressões impostoras discutidas pelos autores no inglês traduzem literalmente no PB, muitas outras possuem equivalentes próximos e alguns aparecem como exclusivos dessa língua, como ilustrado no Quadro 2.

Todas essas expressões nominais podem ser usadas como expressões referenciais de terceira pessoa. Por exemplo, “papai” em (15) e “Maria” em (16) são exemplos comuns de expressões referenciais que não denotam nem o falante nem o ouvinte.

- (15) Papai está cansado.
(16) Maria foi dar uma volta?

Entretanto, *papai* em (15) pode ser usado pelo falante para referir-se a si e o Maria em (16) pode ser usado para referir-se ao ouvinte, como ilustrado em (17) e (18), respectivamente. Em outras palavras, essas expressões nominais permitem uma leitura de impostores.

- (17) Papai_{1sg} está cansado.
(18) Maria_{2sg} foi dar uma volta?

Os exemplos acima mostram que as expressões impostoras em PB determinam concordância de terceira pessoa. Essa generalização pode ser aplicada para todos os tipos de impostores (singulares, plurais, coordenados).¹⁸

Apesar de os impostores terem sido observados nas línguas pelo menos desde Jespersen (1924), a literatura linguística pouco se dedicou a essas expressões até bem recentemente. A partir

¹⁷ Não assumirei na discussão dos dados a ideia de neutralização como condição de uso na apropriação de expressões do tipo-bicha no PB, pois considero que não tenha havido um esvaziamento semântico das expressões, como alegadamente acontece com o termo *gay* no inglês.

¹⁸ Há, no entanto, contextos específicos em que anáforas pronominais de primeira pessoa podem retomar impostores, como pode ser observado no exemplo (20).

da observação das formas tratadas por Collins e Postal (2012) como impostores, nota-se que elas só denotam participação no discurso contextualmente.

Collins e Postal (2012) discutem e analisam os impostores no inglês. A característica distintiva deste tipo de expressão nominal é que eles engatilham concordância verbal de terceira pessoa, porém apresentando referência de primeira ou segunda pessoas, como em (19). Além disso, impostores plurais em inglês podem anteceder formas pronominais tanto de terceira pessoa quanto de primeira e segunda pessoas, como ilustrado abaixo em (20).

- (19) a. (expressões nominais de terceira pessoa com referência de falante)
Daddy is/*am sick of your tantrums.
Papai está/*estou cansado de suas birraças
- b. (expressões nominais de terceira pessoa com referência de ouvinte)
Is /*Are Madam having a good time?
Está.3.sg/*Está.2.sg madame tendo um bom tempo.
“A Madame está se divertindo?”
- (20) a. The present authors consider themselves/ourselves
Os presentes autores consideram eles.REFL/nós.REFL
to have been slandered.
INF ter sido difamados.
“Os presentes autores consideram terem/termos sido caluniados”
- b. Mommy and Daddy are enjoying themselves/ourselves on the beach.
Mamãe e Papai estão divertindo eles.REFL/nós.REFL em a praia.
“Mamãe e Papai estão se/*nos divertindo na praia”

(Das, 2014, p. 28)

Baseados em um amplo conjunto de dados, Collins e Postal defendem a hipótese de que apesar de os impostores parecerem ser idênticos a expressões nominais referenciais não indexicais, sua sintaxe difere consideravelmente daquelas de terceira pessoa. Mais especificamente, os autores defendem a visão de que a propriedade chave que distingue uma forma não impostora de uma expressão nominal impostora é que esta última, da mesma forma que qualquer pronominal referencial (não expletivo), possui um antecedente.

Collins e Postal (2012) assumem uma perspectiva que toda sentença possuiria, em sua representação sintática, um par representacional AUTOR/DESTINATÁRIO, que denotam, respectivamente, o falante e o ouvinte ou o EU e o TU. Sob essa perspectiva, um impostor de primeira pessoa, cuja forma morfossintática é de uma expressão referencial de terceira pessoa, pode anteceder um pronominal de primeira pessoa, uma vez que [AUTOR] seria o antecedente principal de um impostor de primeira pessoa. Da mesma forma, impostores de segunda pessoa são semelhantes a pronominais de segunda pessoa, uma vez que ambos têm [DESTINATÁRIO] como seu antecedente principal. A hipótese segue a estrutura sintática proposta em trabalhos anteriores (Ross, 1970), mas com a novidade de permitir que qualquer expressão nominal, a depender de certas restrições (gramaticais, semânticas e/ou pragmáticas), possam desempenhar a função de um pronome pessoal. A estrutura abaixo ilustra a proposta:

- (21) [[_{DP} AUTOR] [_{DP} DESTINATÁRIO] [Maria me odeia]]

2.2 A estrutura do impostor

Como mencionado anteriormente, apesar de uma expressão impostora aparentar não ser um pronominal, é, todavia, distinta de uma expressão nominal de terceira pessoa referencialmente,

uma vez que ela apresenta um antecedente de primeira ou segunda pessoas. Consideremos o paralelismo entre os exemplos em (22) e (23).

- (22)
- a. *I, Nixon*, am going to get even.
Eu, Nixon, estou indo INF vingar
“Eu, Nixon, irei me vingar”
 - b. *We, the present writers*, disagree with
Nós, os presentes escritores, discordamos com
that point.
aquele ponto.
 - c. *We, the undersigned*, propose a number
Nós, os subscritos, propomos um número of
improvements.
de melhorias.
 - d. *You, Madam*, should not try to deceive us.
Você, madame, dever NEG tentar INF derrotar nos.
“Você, madame, não deveria tentar nos derrotar.”
(Collins & Postal, 2012, p. 48)

- (23)
- a. Nixon is going to get even.
Nixon está indo INF vingar
“Nixon_{1sg} irá se vingar”
 - b. The present writers disagree with that point.
os presentes escritores_{1pl} discordam com aquele ponto.
 - c. The undersigned propose a number of improvements.
os subscritos_{1pl} propõem um número de melhorias.
 - d. Madam should not try to deceive us.
Madame dever NEG tentar INF derrotar nos.
“Madame_{2sg} não deveria tentar nos derrotar”
(Collins & Postal, 2012, p. 48)

As expressões em *itálico* em (22), que Collins e Postal chamam de “precursores”, são apresentadas como sendo uma única expressão referencial, cada uma composta por um pronominal e uma oração relativa não restritiva reduzida (*Eu que sou o Nixon*). O componente não restritivo permanece em uma relação de predicação com o pronominal. Além disso, o precursor como um todo não é de terceira pessoa, como evidenciado pelo fato de (22) exibir a o verbo de ligação flexionado na primeira pessoa. Assim, de acordo com Collins e Postal (2012), todo pronome, incluindo indexicais, deve ter antecedente. Para o pronome no precursor em (22a), por exemplo, o antecedente é a versão singular de [AUTOR].

O precursor fornece os elementos sintáticos e semânticos necessários para criar um impostor, por exemplo, o impostor em (23a) denota primeira pessoa do singular, enquanto o precursor correspondente em (22a) possui uma parte pronominal pronunciada que cumpre precisamente essa denotação. Dada a semelhança entre o precursor em (22) e o impostor correspondente em (23), Collins e Postal propõem que um impostor resulta de uma deformação sintática¹⁹ de um precursor potencial. Assim, *Nixon* em (23a) é criado através da deformação *I, Nixon* e *Madam* em (23d) é uma deformação de *You, Madam*, e assim por diante. Assumindo-se que

¹⁹ Collins e Postal (2012, p. 67) reconhecem que a noção de “deformação” é uma ideia intuitiva que precisa de explicações em uma análise concreta. Para uma discussão acerca natureza da deformação sintática, cf. Collins e Postal (2012), capítulo 5.

precursores possuem antecedentes e o tratamento de impostores como deformações de precursores, um impostor possuiria o mesmo antecedente que seu precursor correspondente.

Em suma, impostores são obtidos a partir do que Collins e Postal (2012) chamam de deformação sintática de uma expressão nominal precursora subjacente, ou simplesmente precursor, que vem a ser um índice de identificação dos participantes do discurso espaço-temporalmente situados. Como um dos resultados dessa deformação, o componente pronominal do precursor é apagado. Assim, a expressão impostora possui os traços [AUTOR] ou [DESTINATÁRIO] como seu principal antecedente. A partir dessa perspectiva, podemos entender o exemplo (11), repetido abaixo em (24), como ligado a um precursor [AUTOR], denotando leitura de primeira pessoa do singular:

(24) [AUTOR]_i A bicha_i foi ver o boy mas ele era uó.

3 Indexicais como impostores

Já foi mencionado no presente texto que expressões referenciais podem ter seu conteúdo variável contextualmente a depender da posição do falante no espaço e no tempo. Essas expressões são chamadas *indexicais*. Em outras palavras, o lugar ocupado no espaço e no tempo pode afetar o que se pode expressar com determinada expressão. No entanto, entendo que esse espaço é social e varia na medida em que o falante participa (ou não) de determinados grupos sociais.

O traço gramatical de gênero é um bom exemplo dessa variabilidade espacial social. No debate linguístico, o termo *gênero* pode ser associado às propriedades extralinguísticas feminilidade e masculinidade, comumente compreendidas como propriedades naturais ou biológicas dos seres. Entretanto, em muitas línguas, a informação de gênero no nome não possui uma relação com seu referente. Vejamos alguns exemplos no PB. Nessa língua, aos nomes animados (cujos referentes são seres dotados de vida, mesmo que imaginários – ex.: *unicórnios*) e inanimados (cujos referentes não são dotados de vida) são associados os valores de gênero feminino e masculino. A atribuição de um ou outro valor de gênero aos nomes animados depende dos papéis biológicos (“naturais”) atribuídos aos seres que o recebem, enquanto aos nomes inanimados, esses valores são atribuídos de forma arbitrária, ou seja, sem uma relação direta com o seu referente. *Mulher*, *leoa*, *casa*, *homem*, *burro* e *lixo* são exemplos de nomes especificados lexicalmente com informações semânticas [feminino], no caso de *mulher* e *leoa*, e [masculino], no caso de *homem* e *burro*. A especificação semântica dos valores feminino e masculino é exclusiva dos nomes animados, sejam eles humanos ou não. Essas especificações lexicais funcionam como uma marca gramatical, que autoriza uma série de outros mecanismos da língua a funcionarem de acordo com ela, como a utilização de artigos, pronomes e adjetivos, que apresentam formas concordantes. Assim, o nome *mulher* será acompanhado do artigo definido *a* e do adjetivo *guerreira*, que apresenta terminação em *-a*, caracterizando-o como semanticamente especificado para o valor feminino, para que seja estabelecida concordância de gênero na sentença²⁰. O nome *mulher* pode ainda ser substituído pelo pronome *ela* no exemplo abaixo:

(25) A **mulher**_i é guerreira e **ela**_i sabe disso.²¹

A morfologia do adjetivo *guerreira* e do pronome de terceira pessoa *ela* concordam com o gênero lexical com especificação semântica [feminino] do nome *mulher*. O mesmo acontece com a sentença em (26), mas com a diferença de a especificação semântica do nome *homem* é [masculino].

(26) O **homem**_i é violento e **ele**_i sabe disso.

²⁰ Sobre o funcionamento da concordância de gênero no PB, ver Carvalho (2018, 2020).

²¹ Utilizarei os índices subscritos toda vez que identificar referentes numa estrutura sintática.

A morfologia do adjetivo *violento*, em (26), recupera a informação semântica contida no nome *homem*, que é expressa a partir da realização do morfema *-o* no adjetivo. O pronome de terceira pessoa que recupera essa informação apresenta forma masculina (*ele*), estabelecendo-se, portanto, concordância gramatical de gênero.

Essa gramática de gênero, no entanto, é estabelecida a partir da indexicalização desse traço pelos participantes do discurso²². O exemplo em (27) ilustra essa afirmação:

- (27) a. Eu sou bonito.
b. Eu sou bonita.

Em (27a), a leitura possível é que o falante se identifique com o gênero masculino, enquanto a leitura possível de (27b) é de que o falante se identifique com o gênero feminino, pois não há referência a gênero presente no pronome de primeira pessoa do singular em PB. Dessa forma, é possível afirmar que o traço de gênero é um traço gramatical indexical, pois necessariamente varia quanto a sua referência. Essa variabilidade indexical encontrada no traço de gênero não é prerrogativa sua. Nos dados analisados no presente trabalho, podemos perceber que essa variabilidade indexical também é capturada no traço de pessoa, levando-se em conta o fenômeno dos impostores.

O que desejo propor aqui, portanto, é que as restrições indexicais encontradas na gramática das línguas em traços como o de gênero é também possível encontrar em traços como o de pessoa.

Podobryaev (2014) sugere que algumas das expressões discutidas na seção anterior são consideradas descrições definidas que têm uma opção de referir-se ao falante ou ao ouvinte (este repórter, minha mãe), enquanto algumas outras (como *yours trully*, do inglês) seriam designadas impostores de fato, de acordo com a definição dada por Collins e Postal (2012). Podobryaev fornece o exemplo em (28), em que *the author of the article* (o autor do artigo) pode ser entendido como o falante de toda a enunciação (que teriam interpretação indexicalizada), mas também poderia ser interpretado como o autor do artigo, sem uma interpretação indexicalizada.

- (28) Whenever someone publishes a new article, the
Sempre alguém publicar.3sg um novo artigo o
author's critics are aware of it.
autor.POSS críticas são consciente de 3sg.INAN
“Sempre que alguém publica um novo artigo, os críticos ao autor estão cientes disso”

Entretanto, a interpretação não indexicalizada torna-se impossível se uma expressão como *yours trully* ou *the present author* é usada. No caso de *the present author*, parece ser o elemento *present* que força uma leitura indexical de toda a expressão.

- (29) Whenever someone publishes a new article, yours truly's / the present author's critics
are aware of it.
Sempre que alguém publica um novo artigo, os críticos ao que vos fala/ presente autor
estão cientes disso

A partir dessa perspectiva, podemos pensar “pessoa” como uma categoria indexical associada diretamente com alguma categoria espaço-temporal. Isso, na verdade, é proposto por Gruber (2013). A autora sugere que “pessoa” é uma categoria não atômica e dependente das

²² E essa classificação de gênero bastante universalizada é baseada apenas em uma realidade indo-europeia, como aponta Carvalho (2021).

coordenadas espaciais e temporais do contexto do enunciado. A autora assume que esta não atomicidade é refletida em pronomes pessoais indexicais, por exemplo, a categoria que expressa “pessoa”. O traço discursivo de pessoa (primeira e segunda) é por definição indexical, pois sua referência depende do contexto discursivo. Assim, EU e TU são funções variáveis de um falante e de um ouvinte e um enunciado.

4 Na direção de uma análise gramatical das injúrias impostoras

Como apontado anteriormente, um processo de apropriação vigora em expressões de injúria contra a população LGBTQIAPN+. Entendo que tais processos constituem a condição pragmática necessária para a emergência das leituras indexicais discutidas no presente trabalho. A possibilidade de expressões do tipo-bicha funcionarem como formas pronominais depende de propriedades estruturais da gramática e de sua circulação por membros da população alvo que autorizam seu uso como marcadores de pertencimento. A análise desenvolvida a seguir busca formalizar os efeitos produzidos por esse processo social de reinterpretação. Além de atribuir valor positivo a essas expressões, essas comunidades utilizam-nas como impostores pronominais. Como será mostrado adiante, essas expressões referenciais recebem valor positivo através de um processo de inclusão do falante no grupo-alvo do ato de injúria.

Assumo no presente trabalho que expressões do tipo-bicha, ilustradas nos exemplos (9-14), são pronominais, cuja referência é variável a depender de sua estrutura morfossintática.

- (9) [dito por um homem gay] Essa aí é bicha!
“Aquela pessoa é bicha”
- (10) [dito por um homem gay] (A) bicha é valente.
“Todo homem gay é valente”
- (11) A bicha_{1sg} foi ver o boy mas ele era uó.
“Eu (enfático) fui ver o rapaz mas ele era péssimo”
- (12) A bicha_{2sg} tá fazendo o quê tão quietinha?
“Você está fazendo o quê tão quietinho?”
- (13) Eu vim só ver a bicha_{2sg} e ela_{2sg} me trata assim.
“Eu vim só ver você e você me trata assim”
- (14) A bicha_{2sg} sabe com quem tá falando?
“Você sabe com quem está falando?”

O fenômeno pode ser explicado através da assunção de que a apropriação das injúrias através das expressões do tipo-bicha por membros da população LGBTQIAPN+ é um processo de pronominalização, cuja gramática permite, em certas condições de uso, que expressões referenciais sejam processadas como pronomes, e cuja referência varia de indefinida a pessoal.

Vale ressaltar que a leitura pronominal dessas expressões não está disponível em qualquer contexto de uso. Assim como outros impostores pronominais dependem da identificação social entre referente e participante do discurso, as expressões do tipo-bicha dependem da existência de grupos nos quais essa identificação seja socialmente reconhecida. A apropriação fornece precisamente as condições pragmáticas que tornam possível essa associação entre expressão referencial e participante do discurso. Sem esse processo prévio de reinterpretação coletiva, a leitura indexical das injúrias permanece bloqueada. Assim, proponho as configurações em (30) para a estrutura das expressões do tipo-bicha:

- (30) a. [DP [D_{AUTOR}] [D_{DESTINATÁRIO}] a bicha] = Expressão de grupo
- b. [DP [D_{AUTOR}] a bicha] = pronome de primeira pessoa
- c. [DP [D_{DESTINATÁRIO}] a bicha] = pronome de segunda pessoa

A configuração proposta em (30a) permite que *a bicha* denote um referente genérico, funcionando ora como expressão predicativa, como em (9), ora como um pronome indefinido, como no exemplo (10), cujas leituras dependem de sua posição gramatical. Essas leituras, no entanto, exigem uma denotação que inclua o falante e o ouvinte, pois, apenas com leitura inclusiva, as sentenças em (9) e (10) podem ser uma proposição verdadeira (positiva). Estruturalmente, (9) apresenta *bicha* como núcleo de uma *small clause* ([DP cópula [_{sc} DP]])²³, enquanto em (10) aparece em posição de sujeito. A estrutura em (30b) representa a expressão do tipo-bicha cujo referente é o próprio falante, funcionando como EU, como no dado em (11). Já (30c) é a representação das expressões do tipo-bicha quando usadas para referir à segunda pessoa.

Sintaticamente, a estrutura apresenta núcleos determinantes nulos, cuja referência é dada pela informação subscrita (meramente ilustrativa para fins didáticos). Essa proposta segue análises que assumem que certas expressões referenciais, como nomes próprios, são expressões determinantes, cuja referência é definida e específica (ou *determinativos*, como propõe Anderson (2004)). Assim, em (30), *a bicha* possuirá uma cadeia de núcleos determinantes (D) nulos foneticamente, mas que carregam informações referenciais, mas seus núcleos nominais continuam sendo expressões referenciais, que possuem morfossintaxe de terceira pessoa.

Em um sentido contrário, essa análise explica também os exemplos oferecidos por Ritchie (2017) para a primeira pessoa do plural indexical detonando membros de um dado grupo social. O exemplo em (31a) dado pela autora é analisado como em (31b).

- (31) a. [sentença proferida por um congressista muçulmano] We are rare.
b. [_{DP} [_{DP} AUTOR] [_D DESTINATÁRIO] We] are rare.

Considerações finais

No presente trabalho, procurei demonstrar que o que tratei de chamar de expressões do tipo-bicha, expressões referenciais cujo uso pejorativo é associado a um grupo social específico, sofrem apropriação pelos grupos alvos de seus usos ofensivos e passam a ser reinterpretadas inclusive como pronominais. Parti da questão central: qual a estrutura interna das injúrias de grupo e o que autoriza sua indexicalidade? Para respondê-la, assumi que essas expressões são interpretadas, em algum nível, como indexicais e podem ter leitura pronominal. Essa análise foi baseada na proposta estrutural de Collins e Postal (2012) para os impostores, expressões nominais que possuem referência de pessoa nocionalmente X e gramaticalmente Y, em que $X \neq Y$.

Baseado na estrutura referencial proposta por Collins e Postal, ofereço uma análise em que as expressões do tipo-bicha possuem traços pragmáticos sensíveis à estrutura sintática: AUTOR e DESTINATÁRIO, cuja leitura permite a recuperação dessas expressões referenciais e sua gramaticalização. Esses traços são responsáveis pela indexicalidade das expressões do tipo-bicha, permitindo sua leitura como expressão de grupo, quando possui ambos os traços pragmáticos AUTOR e DESTINATÁRIO, indicando pertencimento ao grupo-alvo e tornando sua interpretação positiva. Ainda, apresentei dados em que as expressões do tipo-bicha funcionam como reais pronomes. Essa leitura pessoal é autorizada por conta da possibilidade de subespecificação (deficiência dos traços componentes) dos valores AUTOR e DESTINATÁRIO.

A possibilidade de uma injúria adquirir leituras positivas, afiliativas ou pronominais pressupõe a existência de grupos cujos participantes compartilham direitos ilocucionários

²³ As sentenças copulares, cujas estruturas são do tipo [DP1-cópula-DP2], são tradicionalmente classificadas na literatura linguística como *equativas* e *predicativas*: se o DP pós-cópula for definido, a sentença é equativa; se for indefinido, a sentença é predicativa. Não assumirei tal diferença, considerando expressões copulares como predicativas na presente discussão.

específicos. Dessa forma, a indexicalidade das expressões do tipo-bicha é, para além de uma propriedade estrutural da gramática, o resultado de processos sociais que regulam quem pode empregar tais formas, em quais contextos e com quais efeitos discursivos. A noção de ordem indexical permite compreender por que a apropriação é restrita a determinados contextos de uso.

Por fim, o trabalho pôde ilustrar como fenômenos de origem social, como a apropriação, podem ser explicados a partir de um arcabouço sintático, na medida em que sua gramática apresenta algumas interfaces que vão além do conceito de língua-I²⁴. Essa relação pode ser estreitada ao aderirmos a uma visão de gramática (e de língua) que perceba que seus fatos sociais e formais são comunicáveis. A análise aqui apresentada teve como foco demonstrar essa comunicação.

Um número incontável de questões permanece em aberto e será contemplado conforme o amadurecimento da proposta.

Referências

ANDERSON, John Michael. On the Grammatical Status of Names. **Language**, v. 80, n. 3, p. 435-474, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.2004.0108>.

ANDERSON, Luvell. Calling, Addressing, and Appropriation. In: SOSA, David (Ed.). **Bad Words**. Philosophical Perspectives on Slurs. Oxford: Oxford University Press, 2018, p. 6-28.

AUSTIN, John Langshaw. **How to do Things with words**. New York: Oxford University Press, 1965.

BUCHOLTZ, Mary. From Stance to Style. Gender, Interaction, and Indexicality in Mexican Immigrant Youth Slang. In: JAFFE, Alexandra. **Stance: sociolinguistic perspectives**. Oxford: Oxford University Press, p. 146-170, 2009.

CARVALHO, Dannel da Silva. **A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro**. 2008. 154 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

CARVALHO, Dannel. Historicidade, gramaticalização e a semântica de *nego* no português brasileiro. **Guavira Letras**, Três Lagoas, n. 22, p. 105–122, jan./jun. 2016.

CARVALHO, Dannel. O traço de gênero na morfossintaxe do português. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 635–660, 2018. DOI: 10.1590/0102-445008104720040323.

CARVALHO, Dannel da Silva. Aspectos da morfossintaxe de gênero no português brasileiro. **Cuadernos de la ALFAL**, n. 12, v. 2, p. 357–384, 2020.

CARVALHO, Dannel. Sobre a domesticação do gênero gramatical. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 60, n. 1, p. 248–267, 2021.

CARVALHO, Dannel. Dupla representação de pessoa e a sintaxe dos impostores. **Revista da ABRALIN**, v. 23, n. 1, 2024. DOI: 10.25189/rabralin.v23i1.2160.

²⁴ Língua-I pode ser entendido como o conjunto de conhecimentos linguísticos (competências gramaticais) exclusivamente mentais dos falantes de uma determinada língua (Chomsky, 1986).

CARVALHO, Dannel da Silva; ALMEIDA, Rafael Gurgel. Autopercepção e identidade linguística em comunidades de prática gays em Salvador, Bahia. **Web Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 7, n. 21, Série 1, p. 82–98, 2017.

CARVALHO, Dannel da Silva; BRITO, Dorothy Bezerra Silva. Impostores, correferência e concordância em português brasileiro. **Revista Letras**, Curitiba, n. 96, p. 54–73, jul./dez. 2017. DOI: 10.5380/rel.v96i0.50421.

CARVALHO, Dannel da Silva; BRITO, Dorothy Bezerra Silva; SEDRINS, Adeilson Pinheiro. Referência de primeira pessoa e anáfora em português brasileiro. **ReVEL**, v. 16, n. 30, p. 127–145, 2018.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use**. New York: Praeger, 1986.

COLLINS, Chris; ORDÓÑEZ, Francisco. Spanish *usted* as an imposter. **Probus**, ahead of print, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1515/probus-2021-0006>.

COLLINS, Chris; POSTAL, Paul. **Imposters**. Cambridge: MIT Press, 2012.

DAS, Satarupa. (Il)-licit pronoun-antecedent relations in Bangla. In: COLLINS, C. (Ed.). **Cross-linguistic studies of imposters and pronominal agreement**. New York: Oxford University Press, 2014. p. 28-41.

DIAZ-LEGASPE, Justina. What is a slur? **Philosophical Studies**. v. 177, 2020, p. 1399–1422. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11098-019-01259-3>.

DUDLEY, Rachel. **An investigation of Spanish imposters and verbal agreement**. 2011. Tese (Senior Honor) – Departamento de Linguística, New York University, New York, 2011.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

GRUBER, Bettina. **The spatiotemporal dimensions of person: a morphosyntactic account of indexical pronouns**. 2013. 245 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Utrecht University, Utrecht, 2013.

JESPERSEN, Otto. **The philosophy of grammar**. London: George Allen and Unwin, 1924.

JESHION, Robin. Expressivism and the Offensiveness of Slurs. **Philosophical Perspectives** 27 (1), 2013, p. 231–259.

KUNO, Susumu. **Functional syntax: Anaphora, discourse and empathy**. University of Chicago Press, 1987.

KALLULLI, Dalina. Some observations on imposters in Albanian. In: COLLINS, Chris (Ed.). **Cross-linguistic studies of imposters and pronominal agreement**. New York: Oxford University Press, 2014. p. 71-88.

ORLANDO, Eleonora; SAAB, Andrés. Epítetos e injúrias de grupo en español. Sobre una ambigüedad y sus implicaciones sintáctico-semánticas. **Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics**, v. 14, n. 1, p. 161-205, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1515/shll-2021-2043>.

PEIRCE, Charles Sanders. **The Collected Papers of Charles S. Peirce**. 8 vols. HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul; BURKS, Arthur Walter. (eds.). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1994.

PODOBRYAEV, Alexander. **Persons, imposters, and monsters**. 2014. 120 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 2014.

POPA-WYATT, Michaela. Reclamation: Taking Back Control of Words. **Grazer Philosophische Studien** (1), 2020, p. 159-176.

POTTS, Christopher. The Centrality of Expressive Indices. **Theoretical Linguistics** 33 (2), 2007, p. 255–268.

RITCHIE, Katherine. Social Identity, Indexicality, and the Appropriation of Slurs. **Croatian Journal of Philosophy**, Volume 17, Issue 2, 2017, p. 155-180.

ROSS, John Robert. On Declarative Sentences. In: JACOBS, Roderick A.; ROSENBAUM, Peter S. (eds.). **Readings in English Transformational Grammar**. Waltham, MA: Ginn, 1970, p. 222-272.

SERVIDIO, Emilio. Imposters and secondary sources in Italian. In: COLLINS, Chris (Ed.). **Cross-linguistic studies of imposters and pronominal agreement**. New York: Oxford University Press, 2014. p. 121-143.

SIEWIERSKA, Anna. **Person**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialects of sociolinguistic life. **Language & Communication**, v. 23, 2003, p. 193-229.

TAYLOR, Michael. On the pronominal status of Brazilian Portuguese: a gente. **NYU Working Papers in Linguistics**, [S.l.], v. 2. 2009. Disponível em: < https://as.nyu.edu/content/dam/nyu-as/linguistics/documents/nyuwpl/taylor_09_a_gente_nyuwpl2.pdf >. Acesso em: 7 jun. 2026.

WANG, Chyan-an Arthur. Mandarin Pseudo-Imposters. In: COLLINS, Chris (Ed.). **Cross-Linguistic Studies of Imposters and Pronominal Agreement**. New York: Oxford University Press, 2014, p. 173-195.

WOOD, Jim; SIGURÐSSON, Einar Freyr. Icelandic verbal agreement and pronoun-antecedent relations. In: COLLINS, Chris (Ed.). **Cross-linguistic studies of imposters and pronominal agreement**. New York: Oxford University Press, 2014. p. 196-258.

Submetido em 19/11/2025

Aceito em 21/07/2026